



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## **A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE HISTÓRIA E A PROBLEMÁTICA DA DIVERSIDADE CULTURAL EM ANGOLA**

Ana Luzia Pires Lobo Jacinto

Instituto Superior de Ciências da Educação

[pireslobo@yahoo.com.br](mailto:pireslobo@yahoo.com.br)

Maria Palmira de Souza Matos Queiroz

Maria-palmira1@hotmail.com

Instituto Superior de Ciências da Educação

O presente trabalho não pretende fazer um estudo das diferentes nuances sobre a diversidade cultural em Angola, mas apenas analisar quais e de que forma os vários aspectos sobre diversidade cultural transparecem nos programas da disciplina de História para a formação de professores do Primeiro Ciclo do Ensino Secundário.

Ao analisarmos o tema sobre a formação de professores de História e a problemática da diversidade cultural em Angola, é imprescindível que seja feita uma reflexão sobre as principais metas educacionais que orientam a política educativa em Angola.

A Lei de Base do Sistema de Educação (L.B.S.E.), lei nº 13/01 de 31 de Dezembro de 2001, constitui a base legal da última Reforma Educativa em Angola; nela constam as orientações e bases legais para todo o sistema educativo. O primeiro artigo define que o “sistema de educação é o conjunto de estruturas e modalidades através dos quais se realiza a educação tendente a formação harmoniosa e integral do indivíduo com vista a construção de uma sociedade livre, democrática, de paz e progresso” (ANGOLA, 2001, p. 76).

Quanto aos objectivos gerais da educação foram definidos os seguintes:

- a) Desenvolver harmoniosamente as capacidades físicas, intelectuais, morais, cívicas, estéticas e laborais da jovem geração, de maneira contínua e sistemática, e elevar o seu nível científico, técnico e tecnológico, a fim de contribuir para o desenvolvimento socioeconómico do país;
- b) Formar um indivíduo capaz de compreender os problemas nacionais, regionais e internacionais de forma crítica e construtiva para a sua participação activa na vida social, à luz dos princípios democráticos;



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

c) Promover o desenvolvimento da consciência pessoal e social dos indivíduos em geral e da jovem geração em particular, o respeito pelos valores e símbolos nacionais, pela dignidade humana, pela tolerância e cultura da paz, a unidade nacional, a preservação do ambiente e a consequente melhoria da qualidade de vida;

d) Desenvolver o espírito de solidariedade entre os povos em atitude e respeito pela diferença de outrem, permitindo uma saudável integração no mundo. (ANGOLA. INIDE, 2009, p. 42).

No que diz respeito a formação de professores, especificamente nos artigos 25 a 30 constam as principais linhas orientadoras do Subsistema de Formação de Professores. Assim, o Artigo 26 determina que o subsistema de formação de professores visa a formação de professores para a educação pré-escolar e para o Ensino Geral, nomeadamente a Educação Regular, a Educação de Adultos e a Educação Especial, e poderão ingressar nesse subsistema os estudantes interessados que tenham concluído a 9ª classe, daí continuarão os seus estudos durante quatro anos em Escolas Normais de Educação e, após estes, em escolas e Institutos Superiores de Ciências de Educação (ANGOLA. INIDE, 2009, p. 50).

O Subsistema de Formação de Professores se propõe a formar professores com perfil necessário à materialização integral dos objectivos gerais da educação, desenvolvendo sólidos conhecimentos científicos, técnicos e uma profunda consciência patriótica de modo a que assumam com responsabilidade a tarefa de educar as novas gerações (CHIVELA, 2002, p. 26).

Deste modo a sociedade angolana espera que o futuro professor tenha uma ampla e sólida formação sobre educação, bem como sobre os princípios éticos e políticos pertinentes à profissão docente, comprometendo-se deste modo com a educação, a promoção e o fortalecimento da cidadania da jovem geração.

De acordo com as metas, objectivos e finalidades estabelecidas pelo governo de Angola para os vários subsistemas de ensino em Angola, assim, o sistema educativo deverá assentar-se em três princípios fundamentais: integridade, democraticidade e laicidade, visando deste modo a formação de cidadãos críticos e conscientes capazes de lidarem com os desafios da diversidade cultural e da globalização.

No que se refere ao conceito de diversidade cultural, sendo um termo que está sujeito a significações múltiplas, no contexto desse trabalho levar-se-á em consideração a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

concepção da antropóloga brasileira Nilma Lino Gomes, pois pensamos ser o que mais se enquadra ao nosso estudo:

a diversidade sob o ponto de vista cultural pode ser entendida como a construção histórica, cultural e social das diferenças, e que as diferenças por sua vez são construídas pelos sujeitos sociais ao longo do processo histórico e cultural, nos processos de adaptação do homem e da mulher ao meio social e no contexto das relações de poder. (2008, p. 133)

Na esteira dos estudos sobre a diversidade cultural angolana, o sociólogo angolano Vítor Kajibanga assinala que

no contexto actual temos em Angola três grandes espaços socioculturais todos com características transnacionais: o espaço sociocultural Khoisan ou hotentote-bochimanés constituído com alguns povos com características fisiológicas e culturais peculiares, dentre eles os mais expressivos encontram-se os Kung, Kede, Bochimanés e os Kazama. Na faixa sul e sudeste de Angola encontra-se o espaço sociocultural Vatwa ou pré-bantu constituído pelos povos Cuissis e Cuepes e o terceiro que é constituído pelos povos de matriz sociocultural Bantu, dentre os quais se destacam Ovimbundu, Ambundu, Bakongo, Lunda-Tucokwe, Nganguela, Ovambo, Nyaneca, Humbe, Helelo, Axindonga e Luba. (KAJIBANGA, 2003, p. 130)

Então pode-se concluir que Angola é um país composto por uma diversidade de povos, não bantu, bantu e descendentes de portugueses, tendo raízes socioculturais peculiares.

Em vista da heterogeneidade apresentada pela sociedade angolana, a educação formal realizada nos vários subsistemas de educação deve promover o desenvolvimento de valores e atitudes capazes de lidar com o pluralismo cultural, o respeito pela diferença, a tolerância, bem como combater expressões de intolerância, racismo, etnocentrismo, regionalismo e tribalismo. A escola, sendo o expoente máximo da educação formal, terá a responsabilidade de:

Organizar um ambiente cultural que permita o desenvolvimento de cada indivíduo no que diz respeito aos aspectos éticos, cívicos e técnicos harmoniosamente interligados, humanizando o ensino de modo que faça evoluir o processo cognitivo e relacional, que possibilite o desenvolvimento de atitudes responsáveis nos jovens, que lhes permitam assumir a responsabilidade pelos seus actos e a capacidade de tomar decisões perante si próprios, perante o grupo e a sociedade em que vivem, aprendendo a participar com autenticidade na construção do bem comum. (SÁ, 2003, p. 13)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Nesse contexto os professores devem ser os primeiros a adquirirem uma formação e educação voltada para a interculturalidade. Uma questão se coloca: será que os professores angolanos estão a ser preparados para lidarem com os vários desideratos relacionados à diversidade cultural angolana?

Para responder a questão acima colocada é necessário em primeiro lugar analisar e reflectir quais os temas e subtemas sobre diversidade cultural angolana constam nos programas da disciplina de História, para a formação de professores do Primeiro Ciclo do Ensino Secundário.

A elaboração dos programas da disciplina de História para a formação de professores de História do Primeiro Ciclo do Ensino Secundário insere-se no esforço pela melhoria da qualidade do Ensino de História realizado pelo Governo de Angola, por meio do Ministério da Educação, com a coordenação do Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento da Educação.

A valorização da escola, do ensino e o investimento no trabalho docente são factores fundamentais e urgentes para a reestruturação do sistema educacional angolano. Actualmente em Angola o desafio central da educação é investir na qualidade, de forma a garantir que a escola seja um espaço em que, de facto, se ensine com eficiência e eficácia, onde os alunos aprendam e construam conhecimentos e habilidades, desenvolvendo hábitos e valores condizentes com os objectivos e finalidades de sua formação.

O programa da 10ª classe está constituído pelos seguintes eixos temáticos: introdução à História; origem e evolução do homem; civilizações fluviais e as primeiras sociedades de classe; civilizações mediterrâneas; Europa feudal; África antes do século XV; Ásia antes do século XV.

O programa está constituído por um leque de temas diversificados que permitem o desenvolvimento cultural e intelectual dos estudantes, achamos pertinente que o mesmo comece com algumas noções básicas sobre a ciência histórica, porque sendo futuros professores de História é importante que conheçam e compreendam os cânones teóricos que constituem a ciência histórica.

Por seu turno, o programa de História da 11ª classe abarca essencialmente aspectos ligados à História Universal, dentre os quais temas relacionados com a expansão europeia, a formação da mentalidade moderna, as revoluções liberais, a cultura e a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

ideologia do século XX, a Europa no século XX. Encontra-se também um tema relacionado com os continentes africano e asiático que é o nº 3, assim discriminados:

- Sobre o continente africano consta o seguinte tema: “a era do tráfico de escravos”, constituído pelos seguintes subtemas: os factores do surgimento do tráfico, as condições dos escravos durante a travessia atlântica, o desenvolvimento do tráfico de escravos e a resistência africana, as sociedades africanas não afectadas pelo tráfico e pela presença europeia, as consequências (em África: caso de Angola; na América e na Europa). Esses temas constam igualmente nos programas da 4ª e 8ª classe, pretende-se deste modo, que se faça um aprofundamento dos mesmos na 11ª classe.
- Em relação ao tema relacionado ao continente Asiático temos os seguintes subtemas: os impérios coloniais no início do século XIX, conquista e colonização da Índia pela Inglaterra, a revolta dos cipayos; o saque das riquezas da China pela Inglaterra e outras potências, a guerra de ópio, o tratado de Nanquim, a revolução de Taiping (1850-1856); o isolamento relativo do Japão até meados do século XIX, e a abertura forçada ao exterior e a reforma Meiji.

No programa da 12ª existe apenas um tema que se refere à África, cujo título é: “a descolonização da Ásia e de África”. Já o sexto tema, “os grandes problemas do mundo actual”, está constituído por conceitos-chaves que poderão ter uma abordagem transversal, dentre os quais se encontram: poluição, globalização, conflitos regionais, subdesenvolvimento, SIDA, as organizações internacionais e a OUA.

Segundo Rafael Yus, os temas transversais são um conjunto de conteúdos atitudinais, procedimentais e conceituais que não estão ligados a nenhuma disciplina ou matéria em particular, podem ser analisados em todas as disciplinas escolares, pretendendo-se que o seu tratamento seja transversal num currículo global da escola (YUS, 1998, p. 17). O estudo desses temas podem ser feitos através da selecção de dois ou mais exemplos históricos, que permitam fazer a conexão com a realidade africana e angolana. Com essa orientação, o aprofundamento dos temas e o bom aproveitamento dos alunos fica quase que totalmente sob a responsabilidade e criatividade do professor.

Margarida Felgueiras dá grande importância a este tipo de abordagem, porque permite a interdisciplinaridade das ciências sociais (FELGUEIRAS, 1994, p. 48). A organização em conceitos-chaves representa uma novidade na organização curricular para o Ensino



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

da História, quebrando a velha visão da organização temporal e linear da História. Assim, coaduna-se com alguns eixos propostos neste tema. Contudo, deviam constar de conceitos-chaves que transmitam conhecimentos, valores e atitudes tão fundamentais para o momento que vivemos, a exemplo de tolerância, cidadania e direitos humanos.

Vê-se que os programas de História direccionados para a formação de professores de História do Primeiro Ciclo do Ensino Secundário procuram dar uma visão da História Universal, ainda com grande destaque para a Europa e pouca relevância para a África e Angola. Estudos sobre o continente africano só são abordados em função da presença europeia em algumas regiões do continente.

Para que a formação de professores se realize de forma eficiente é necessário levar em consideração três aspectos importantes: o público visado, a duração e a natureza da formação.

Como se percebe nos programas de ensino não constam formas rígidas da dimensão multicultural angolana, constata-se a existência obrigatória de conteúdos mais relacionados com a história universal a leccionar nas aulas, enquanto que, em nossa opinião, o estudo das sociedades africanas e angolana em particular permitiria que os estudantes tivessem uma visão real do *modus vivendis* dessas sociedades, o que possibilitaria o desenvolvimento de valores socioculturais.

Ao contrário do que consta dos objectivos gerais da educação e do ensino de História, vê-se claramente que os programas da disciplina de História para a formação de professores do Ensino Secundário do I Ciclo não correspondem as expectativas anunciadas no que se refere ao conhecimento sobre a diversidade cultural.

Embora os programas de ensino não sejam os únicos elementos que fazem parte da estrutura organizacional da escola, desempenham um papel importante na realização do processo de ensino-aprendizagem das diferentes disciplinas. Mediante a aplicação dos mesmos são transmitidos e apreendidos os conteúdos factuais, procedimentais e atitudinais. Por isso é importante que os professores em formação desenvolvam atitudes, disposição, vontade de conhecer, devem mostrar interesse pela vivência dos outros, bem como respeitar as crenças e referências morais. Esses elementos se não forem adquiridos e desenvolvidos pelos estudantes durante a sua formação poderá dificultar a introdução de uma metodologia intercultural em todas as faces do processo educativo. È



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

papel da escola reconhecer e valorizar a heterogeneidade cultural e linguística dos estudantes que a frequentam.

Concordamos com Carlos Cardoso quando refere que os planos de formação das instituições de formação de professores devem constar:

a permeação de disciplinas já existentes no plano curricular com conteúdos e perspectivas multiculturais e anti-racistas, a inclusão de disciplinas específicas e obrigatórias e o desenvolvimento obrigatório de sequências de prática pedagógica em escolas multiétnicas. (1996, p. 24)

Para termos uma visão mais concreta do que abordamos, realizamos inquéritos na escola de formação de professores nº 3031, onde obtivemos os seguintes resultados:

## **ANÁLISE DO RESULTADO DOS INQUÉRITOS**

A amostra desse estudo é constituída por 79 estudantes da 12<sup>a</sup> e 13<sup>a</sup> classe do ano lectivo de 2010, da referida instituição, sendo 41 do sexo feminino e 38 do sexo masculino, o que representa 52% de indivíduos do sexo feminino e 48% do sexo masculino. Os estudantes atrás referidos encontram-se na faixa etária compreendida entre 17 e 24 anos. Quanto a sua identificação étnica podemos observar que pertencem a várias etnias assim discriminadas: 50 Ambundus, 11 Ovimbundus, 10 Bacongós, 2 Tchokwe, 3 descendentes de portugueses (2 cabo-verdianos e 1 santomense) e 3 não identificados, sendo na sua maioria Ambundus perfazendo uma percentagem de 63%. Estamos perante uma população estudantil de variada proveniência, embora muitos terem nascido e residirem em Luanda há várias décadas mas identificam-se com as origens dos seus ancestrais.

Para melhor esclarecimento foram colocadas as seguintes questões:

- O que entendes por diversidade cultural?
- Quais as línguas faladas em Angola conheces (por nome e regiões)?
- Quais delas falas e compreendes?
- Em que classe e disciplina obtiveste esses conhecimentos?
- Quais os conteúdos sobre os diferentes povos e etnias de Angola consideras que não foram abordados ou aprofundados durante a tua formação profissional?



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

- Qual é a importância em conhecer os hábitos e costumes dos diferentes povos de Angola?
- De que modo o conhecimento da constituição e trajetória dos diferentes povos de Angola pode contribuir para a tua prática como professor em sala de aula?
- Localiza os povos que maioritariamente habitam as áreas destacadas no mapa.

As respostas obtidas às questões atrás levantadas possibilitam-nos concluir que a maioria dos estudantes, apesar de utilizarem formas diversas de se expressarem, entendem a diversidade cultural como sendo as variantes etnolinguísticas, hábitos e costumes de uma determinada região; mas, quanto a sua importância, a maioria refere ao conhecimento e respeito à tradição pelas culturas servindo de identificação. Apenas 3 estudantes se referiram a que a sua importância reside no processo de comunicação, preservação, compreensão, valorização com vista à harmonia e à socialização dos angolanos – não se notando nas restantes respostas que este factor poderia ser a base para o estabelecimento do respeito ao outro, convivência pacífica entre as várias etnias, formação de uma consciência e identidade nacional que proporcionasse a tolerância pacífica em fase de reconstrução e reconciliação nacional.

Quanto à questão sobre as línguas que falam e compreendem obtivemos os seguintes resultados: 15 estudantes falam Kimbundo, 6 compreendem, 9 compreendem com muita dificuldade, 8 compreendem Kimbundo e Umbundo, 1 fala e compreende Umbundo, três compreendem com alguma dificuldade, 1 fala e compreende Kikongo, 4 compreendem com muita dificuldade, 1 fala e compreende Tchokwe, um compreende Nhaneka-Umbe e 34 não falam e nem compreendem nenhuma língua nacional, tendo o português como língua materna.

Nota-se de facto a existência de uma diversidade etnolinguística na escola de formação de professores, tendo em vista a análise efectuada, embora a amostra não nos dê uma visão clara deste mosaico, pois a escola está inserida na comunidade urbana e capital do país; muitos dos estudantes já nasceram na cidade fruto do êxodo rural provocado pela guerra e outros vieram com tenra idade, o que dificulta o contacto directo com as suas comunidades de origem. Nota-se ainda que alguns estudantes compreendem e falam duas línguas africanas, fruto do cruzamento de etnias dos seus familiares.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

No que se refere à quarta questão: “em que classe e disciplina obtivestes esses conhecimentos?”, obtivemos os seguintes dados:

| 2 <sup>a</sup> | 3 <sup>a</sup> | 4 <sup>a</sup> | 5 <sup>a</sup> | 6 <sup>a</sup> | 7 <sup>a</sup> | 8 <sup>a</sup> | 9 <sup>a</sup> | 10 <sup>a</sup> | 11 <sup>a</sup> | 12 <sup>a</sup> | Familiares e meios de comunicação |
|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|-----------------|-----------------|-----------------|-----------------------------------|
| 1              | 1              | 24             | 17             | 3              | 2              | 5              | 2              | 1               | 7               | 1               | 27                                |

Nota-se uma disparidade nas respostas, o que nos leva a crer que os conteúdos apresentam algumas lacunas, pois os mesmos não identificam claramente as classes onde adquiriram os conhecimentos; enumeram duas ou três classes sem serem sequenciais, e enumeram, por exemplo, a 2<sup>a</sup> e a 3<sup>a</sup>, mas nessas classes nos programas escolares não há a disciplina de História. Dos 79 alunos inquiridos, apenas 9 abordaram assuntos ligados à diversidade cultural, durante a sua formação como professores.

Alguns desses conhecimentos sobre diversidade cultural que são ministrados a partir da 4<sup>a</sup> deviam ser aprofundados nas classes subsequentes, principalmente no Ensino Médio, que inicia na 10<sup>a</sup> classe. Nota-se que a maioria dos estudantes (27) aprendeu mais com os seus familiares e meios de comunicação. É importante que esses conhecimentos sejam adquiridos na escola, visto que a sociedade angolana é diversificada sob ponto de vista cultural, e conhecimentos mal orientados, principalmente vindo de familiares, podem contribuir para a deturpação do saber histórico.

A quinta questão por nós colocada no inquérito foi: “quais conteúdos sobre os diferentes povos/ etnia de Angola consideras que não foram abordados ou aprofundados durante a tua formação profissional?”

Das várias respostas obtidas chegamos à conclusão que o conhecimento sobre os diversos povos de Angola foram abordados de forma muito sucinta. Os estudantes gostariam de ver abordadas todas as etnias de Angola, sua diversidade cultural (hábitos, actividades, usos e costumes, crenças, habitação, tipos de cultura), sistemas políticos dos bantu. Também gostariam que fossem abordados nos programas os povos não-bantu: suas tradições, hábitos alimentares e tipos de cultura. Em nossa opinião esses conhecimentos ministrados correctamente possibilitariam o desenvolvimento de atitudes como de tolerância, aceitação e respeito do outro.

Para a questão numero 7, “de que modo os conhecimentos da constituição e trajectória dos diferentes povos de Angola pode contribuir para a tua prática como professor em



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

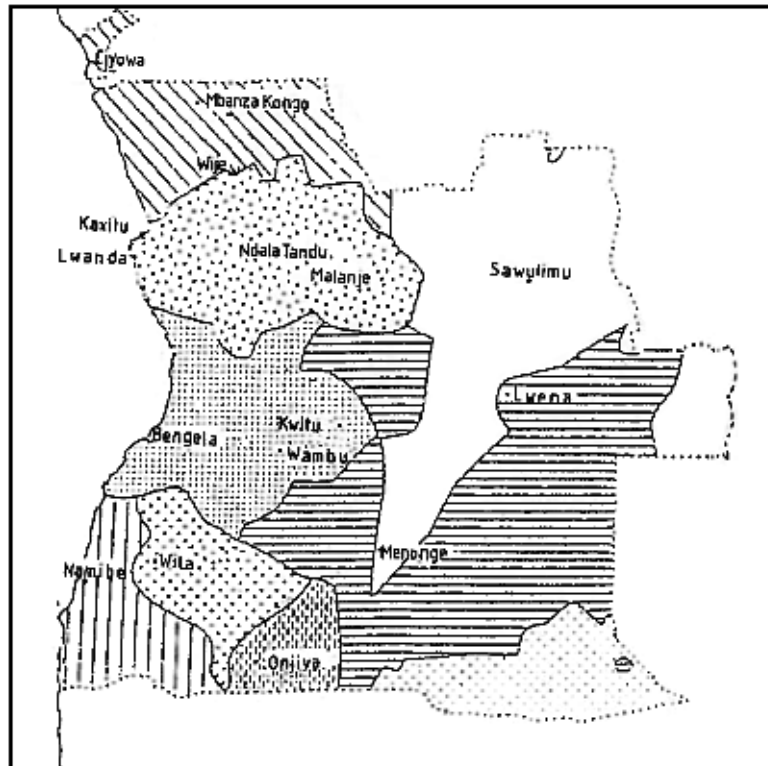
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

sala de aula?”, obtivemos respostas variadas que foram agrupadas, pois através delas podemos concluir que:

- 6 estudantes acham que esses conhecimentos são importantes pois ajudam-nos a ter um vasto conhecimento dos povos de Angola, possibilitando a comparação do passado com o presente, a ter conhecimentos multifacetados por forma a explicar a origem, hábitos e costumes dos povos, a comparar e a preservar a cultura angolana;
- 3 estudantes afirmam que através desses conhecimentos podem-se cumprir os seguintes objectivos: ensinar, educar e instruir, de modos a melhor analisar a situação actual para a formação da identidade angolana;
- 10 estudantes afirmam que esses conhecimentos servem para melhor compreender e relacionar a cultura dos povos, respeitando a cultura dos outros ao mesmo tempo que permitem aumentar o horizonte do conhecimento sociocultural do país, contribuindo para obter conhecimentos, noções e desenvolver capacidades e valores;
- 6 estudantes disseram que os professores devem assimilar esses conhecimentos para que eles sejam transmitidos com segurança, permitindo que o professor esteja actualizado, pois os mesmos influenciam e estão intrinsecamente relacionados com as matérias a serem ministradas, ajudando a utilizar meios de ensino existentes em cada região, permitindo que mais historiadores se dediquem à elaboração de livros;
- 29 estudantes afirmam que os conhecimentos ajudam a compreender as diferenças e particularidades dos indivíduos ou de cada aluno, contribuindo para a resolução de um problema tendo em conta a diversidade cultural;
- 23 não responderam à questão;
- 1 afirma que os conhecimentos obtidos não serviam para transmitir aos alunos.

Das respostas obtidas podemos inferir que, para os estudantes, os conhecimentos obtidos servem unicamente para serem transmitidos, esquecendo do usufruto da sua aplicação no dia-a-dia, para o desenvolvimento de uma cultura de paz e de harmonia.

Angola está distribuída por diversas áreas etnolinguísticas habitadas por povos bantos e povos não bantos que estão distribuídos de forma irregular pelo sul do país.



As identificações feitas pelos estudantes quanto a essas áreas, levam-nos as seguintes ilações: a maioria não soube identificar as nove áreas etnolinguísticas que constam do mapa; alguns acertaram algumas áreas. Conforme os dados obtidos apenas 22 estudantes conseguiram identificar mais de 4 áreas, 32 estudantes identificaram menos de 4 áreas e 25 estudantes não identificaram nenhuma área. Assim como se vê no quadro das respostas a pergunta: Localiza os povos que maioritariamente habitam as áreas destacadas no mapa.

| Kikongo | Kimbundo | Umbundo | Herero | Nhaneca<br>Humbe | Ganguela | Ambó | Xindonga | Lunda<br>Tchokwe |
|---------|----------|---------|--------|------------------|----------|------|----------|------------------|
| 53      | 49       | 41      | 0      | 12               | 9        | 7    | 0        | 36               |

Nota-se que as áreas etnolinguísticas mais conhecidas pelos estudantes são: Kikongo, Kimbundo, Umbundo e Lunda -Tchokwe, por sinal as que constituem as áreas de maior densidade populacional. A maioria dos estudantes desconhecem a localização das restantes áreas etnolinguísticas.

Os estudantes confundem o nome dos povos pelas línguas faladas por eles; por exemplo, em vez de designarem povo bakongo falantes da língua kikongo, designam o grupo por kikongos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Os grupos principais já referidos dividem-se em diversos subgrupos, apresentando algumas diferenças linguísticas. Durante o processo de colonização alguns elementos de origem bantu sofreram o processo de assimilação, passaram a viver nas cidades a utilizarem fundamentalmente a língua portuguesa, mudando seus usos e costumes, diferenciando-se na maneira de ser e agir da cultura dos seus grupos de origem.

Este factor contribuiu também, em parte, para o desconhecimento das línguas, cultura e identificação das áreas etnolinguísticas pelos estudantes; o Ministério da Educação de Angola deve fazer um trabalho aturado para actualização dos dados obtidos por José Redinha em 1961, ou seja, quando do início da luta de libertação nacional, para que os estudantes tenham uma visão abrangente e actualizada da actual distribuição etnolinguística.

## CONCLUSÃO

Da leitura feita à L.B.S.E de 31 de Dezembro de 2001, apercebemo-nos que é intenção do governo de Angola que as diversas culturas se harmonizem de forma a uma integração no processo de ensino-aprendizagem de todas as sensibilidades culturais do país. Mas o que verificamos na prática é que, nos programas de História para a formação de professores, os temas não abordam com clara evidência aspectos ligados especificamente à diversidade cultural ou ao multiculturalismo. É verdade que os professores podem ministrar temas transversais onde se abordem questões dessa natureza, mas em nosso entender esses temas deveriam ser sugeridos pelo INID ao elaborarem os programas, para que os mesmos não fossem negligenciados.

Numa sociedade como a nossa, onde coexistem diversas etnias e subgrupos dentro de cada etnia, ressaltando ainda a existência de etnias não bantu, lusodescendentes e afrodescendentes, seria primordial que a escola desempenhasse o papel de interventora e conciliadora entre as diferentes culturas, arranjando programas que permitissem o intercâmbio cultural para precaver crises sociais. Segundo Hall, citado por Ernesto Zamboni e outros (2008,p102) relata que “cada vez mais as crises nessas sociedades assumem um carácter multicultural ou etnizado”. Neste âmbito alguns temas transversais deveriam versar sobre a cultura dos povos de Angola para que os estudantes tivessem uma visão realística das diferenças existentes e que os conhecimentos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

adquiridos contribuíssem para a consolidação e valorização da cultura nacional, pois, segundo Ernesto Zamboni, “na sociedade do conhecimento, da informação, das mudanças aceleradas, das incertezas as marcas da fragmentação das diferenças de classe, género, sexualidade, etnia, raça, religião e nacionalidade são visíveis nos diferentes espaços de vivência” (2008, p. 102-103). Este desiderato não foge à realidade existente em Angola, um país em reconstrução nacional, onde a guerra civil deixou marcas profundas no relacionamento entre os elementos de vários partidos políticos e populações de diversas províncias, onde coexistem diferentes etnias, portanto é necessário que a escola e a sociedade exerçam seu papel para o fortalecimento da reconciliação nacional.

Pode-se ver que a maioria dos futuros professores não têm conhecimentos que lhes permitam lidar com as complexidades relacionadas com a diversidade cultural e com o ensino intercultural, e que nos programas de formação de professores de História para o Ensino Secundário do Primeiro Ciclo faltam elementos fundamentais que permitam produzir o tipo de transformação dos valores, atitudes e predisposições necessárias para o ensino dos alunos oriundos das diversas proveniências etnolinguísticas que formam o mosaico angolano.

Nesse âmbito Leite (2002, p. 245) aponta para uma

formação que predisponha para a mudança, para a aquisição de conhecimentos socioculturais gerais das crianças e dos jovens, para a compreensão das relações que a cultura e a língua e as características socioeconómicas têm no desempenho e no sucesso escolar para a obtenção de conhecimentos sobre especificidades culturais, para a capacidade de recurso a diferentes estratégias de ensino e de aprendizagem e, finalmente, para a capacidade de os professores se questionarem e de aprenderem a aprender.

## **BIBLIOGRAFIA**

ALMEIDA, Carla; RIBEIRO, Maria. Aprender a ser pessoa. Interdisciplinaridade e criatividade na escola. *Revista de Educação*, Lisboa, v. IX, n. 1, 2002.

ALTET, Marguerite. *Análise das práticas dos professores e das situações pedagógicas*. Porto: Porto, 2000.

ALTUNAGA, Julian Zerquera. *Currículo do 2º ciclo do Ensino Secundário*. Luanda: INIDE, 2005.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

- CARDOSO, Carlos Manuel. *Educação intercultural – percursos para práticas reflexivas*. Lisboa: Texto Editora, 1996.
- CARNEIRO, Roberto. Fundamentos da educação e da aprendizagem. In: *21 Ensaios para o século 21*. Vila Nova de Gaia: Rocha, Artes Gráfica, 2003.
- CORREIA, José Alberto. *Inovação pedagógica e formação de professores*. Rio Tinto: ASA, 1989.
- COSTA, Francisco Carreiro. Formação de professores: objectivos, conteúdos e estratégias. *Revista Colóquios Educação e Sociedade*, Portugal, nº 6, 1994.
- CHAFFER, John; Taylor Lawrence. *A História e o professor de História*. Lisboa: Horizonte, 1984.
- CHIVELA, David. A reforma educativa em Angola. *Kulonga*, Luanda, Dossier I: Reforma educativa, 2002.
- FABREGAT, Clemente Herrero; FABREGAT, Maria Herrero. *Como preparar uma aula de História*. Lisboa: ASA, 1983.
- FAZENDA, Ivani. *Práticas interdisciplinares na escola*. São Paulo: Cortez, 1993.
- FAZENDA, Ivani. *Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa*. 15. ed. São Paulo: Papyrus, 2008.
- FELGUEIRAS, Margarida Louro. *Pensar a História, repensar o seu ensino*. Porto: Porto, 1994.
- FONSECA, Aurora. A problemática do ensino da História em Angola no ensino não-universitário. *Revista Kulonga, Revista de Ciências da Educação e Estudos Multidisciplinares*, Luanda, p xxx nov. 2003.
- FONSECA, Selva Guimarães. *Didáctica e prática de ensino de História*. São Paulo: Papyrus, 2003.
- GARCIA, Carlos Marcelo. *Formação de professores. Para uma mudança educativa*. Porto: Porto, 1999.
- GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnica-racial e a educação brasileira. In: BARROS, José Gracia (Org.). *Diversidade cultural. Da proteção à promoção*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- KAJIBANGA, Víctor. Sociedades étnicas e espaços socioculturais (uma contribuição ao estudo da problemática das culturas étnicas e da cultura nacional em Angola). In:



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

- ANGOLA. Embaixada de Angola na Rússia. *Angola Etnias e Nações*. Moscovo: L.E.A.N., 2003.
- PEROTTI, António. Apologia do intercultural. *Colecção Educação Intercultural*, Lisboa, n. 7, 1997.
- POMBO, Olga. Problemas e perspectivas da interdisciplinaridade. *Revista de Educação*, Lisboa, v. IV, n. 1/2, dez. 1994.
- REDINHA, José. *Distribuição étnica de Angola*. Luanda: Fundo de Turismo e Publicidade, 1975.
- ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz. Migrações e multiculturalismo, 1992. *Colecção Educação Intercultural*, Lisboa, n. 1, p. 65-73, 1993.
- SÁ, Luzia Lopes Zenha Reis. Pedagogia diferenciada. Uma forma de aprender a aprender. *Cadernos do CRIAP*, Porto, n. 19, 2001.
- SANTOMÉ, Jurjo Torres. *Globalização e interdisciplinaridade*. O currículo integrado. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- ZAMBONI, Ernesto, FONSECA, Selva Guimarães. Espaço de Formação do Professor de História, S. Paulo, Papyrus, 2008.
- YUS, Rafael. *Temas transversais*. Em busca de uma nova escola. Porto Alegre: Artmed, 1998.

## **FONTES BIBLIOGRÁFICAS DE ENTIDADES COLECTIVAS**

- ANGOLA. *Decreto-Lei n. 13/1 de Dezembro de 2001. Lei de Bases do Sistema de Educação*. Diário da República, 1. série, n. 65, Luanda: Imprensa Nacional, 2001.
- ANGOLA. Embaixada de Angola na Rússia. *Angola Etnias e Nações*. Moscovo: L.E.A.N., 2003.
- ANGOLA. Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento da Educação (INIDE). *Reforma Educativa*. Programa de História da 10ª classe. Luanda: INIDE, 2002a.
- ANGOLA. Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento da Educação (INIDE). *Reforma Educativa*. Programa de História para a formação de professores do 1º ciclo do Ensino Secundário, 12ª classe, opção: História Geografia. Luanda: INIDE, 2002b.
- ANGOLA. Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento da Educação (INIDE). *Informação sobre a implementação do novo sistema de educação*. Reforma educativa do ensino primário e secundário. Luanda: INIDE, 2009.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

ANGOLA. Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED). *Dossier I. Reforma educativa*. Luanda: Edições Kulonga, 2002.

ANGOLA. Ministério da Educação e Cultura. *Estratégias integradas para a melhoria do Sistema de Educação (2001- 2015)*. Luanda: Nzila, 2001.

ANGOLA. Ministério da Educação. *Livro de iniciação à História de Angola. Ensino de base, I nível, 4ª classe*, Luanda: Ministério da Educação, 1980.

MPLA. *A paz e os desafios do futuro*. Um encontro de ideias e propostas para o país, Luanda: Secretariado do Bureau Político do MPLA, 2002.